

Comunicação

Gláucia Soares de Moura

Paula Cristina da Costa Perez Tavares Dias

Palestra para a VII Semana de Museus da USP

O Novo Museu Naval

Gláucia Soares de Moura

Capitão-Tenente, do Quadro Técnico – Museóloga e Historiadora, Encarregada da Divisão de Museografia do Departamento de Museologia da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.

Paula Cristina da Costa Perez Tavares Dias

Museóloga, desenvolveu projetos em parceria com a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.

PALAVRAS-CHAVE: história naval — centro do Rio de Janeiro — ação educativa — crianças e jovens

INTRODUÇÃO

O museu de cidade não pode ser pensado isoladamente. Há um contexto histórico, arquitetônico e social que, se não motivou o seu aparecimento, com certeza influencia a sua existência.

Este breve estudo visa a olhar o museu como espaço dinâmico, de informação, de lazer e de educação, que cria áreas de difusão histórico-culturais com a finalidade de despertar a consciência do público para a preservação do patrimônio artístico, cultural e histórico pertencentes à Nação brasileira.

“Os museus se inserem na paisagem das cidades como instituições relevantes para representar a história do país, da região ou do lugar, para identificar as bases geográficas e arqueológicas das nações, para conhecer a sua etnografia, a história das populações antigas ou ainda a cultura material das épocas mais diversas.(...)”¹

A repercussão da reabertura do Museu Naval, em setembro de 2006, no espaço urbano da Praça XV, centro histórico da Ci-

dade do Rio de Janeiro, onde estão localizados outros importantes museus e espaços culturais, devolveu ao cenário carioca, e por que não dizer ao País, uma parte importante de sua história que andava um pouco despercebida: a participação do Poder Naval na formação do Brasil.

A INSERÇÃO DO MUSEU NAVAL NO ESPAÇO URBANO CARIOCA

A Cidade do Rio de Janeiro, sob o ponto de vista da construção da nacionalidade, pode ser considerada a cidade brasileira com maior densidade simbólica para o estudo da civilização no Brasil, pois por meio da memória, ou ausência da mesma, é possível uma leitura clara do que foi o Império e o início da nossa República.

A cidade, porém, é um museu de si mesma a céu aberto e um texto para ser lido e interpretado². Situado entre construções emblemáticas como o Centro Cultural Banco do Brasil, o Museu Histórico Nacional, a Casa França-Brasil e o Museu da Imagem e do Som, o Museu Naval está ao lado da Praça XV, onde se encontra outro espaço de elevado valor para a história do País, o Paço Imperial.

¹ SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Museus e Cidades in Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004, p.9

² SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Museus e Cidades in Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004, p.16.

Inserir-se, assim, o Museu Naval num importante circuito cultural desta zona da Cidade do Rio de Janeiro que faz parte do seu Centro Histórico, área onde cada vez mais os edifícios de museus têm papel importante nas ações de requalificação da urbanidade e da preservação da história do lugar e dos seus habitantes.

Um dos melhores exemplos já em desenvolvimento é o polo de lazer e entretenimento que vem desenvolvendo ações que promovem o resgate cultural e histórico desta área para os habitantes cariocas.

A localização do Museu Naval — ao lado da Estação das Barcas Rio-Niterói e de dois terminais rodoviários —, ao mesmo tempo que possibilita a propaganda da instituição, dificulta que as pessoas entrem para visitá-lo. O público passante pela entrada do museu, em sua maioria, sempre está com outro destino já traçado.

Assim não bastava reinaugurar o Museu Naval, era preciso torná-lo novamente de interesse para a população. Figurando novamente entre as instituições culturais inseridas no espaço público do Centro Histórico do Rio de Janeiro, cabia ao Museu mudar quantitativa e qualitativamente a área da cidade sob a qual tem influência.

A CRIAÇÃO DO MUSEU NAVAL

Em 14 de março de 1868, pelo Decreto Nº 4.116, foi criado oficialmente o Museu Naval pelo Visconde de Ouro Preto, Ministro da Marinha durante a Guerra do Paraguai, com o intuito de salvaguardar a memória dos feitos obtidos naquele conflito.

A primeira localização do museu foi o Arsenal de Marinha da Corte — que fica a alguns metros da localização atual — e nele foram guardados objetos de interesse da preservação da Armada Nacional, sendo aberto ao público em 1868 na presença do Imperador Pedro II.

Em 1890, o museu foi transferido para o prédio da Biblioteca da Marinha na Rua Conselheiro Saraiva, próximo ao Arsenal de Marinha, e passa a estar unido a ela.

O acervo do museu vai aumentando e, em 1907, o museu passou a ocupar o pré-

diário da antiga sede do Clube Naval, na Rua Dom Manuel nº 15, Praça XV, onde funciona até hoje.

O PRÉDIO DO MUSEU NAVAL

Prédio de estilo eclético, inaugurado em 1900, foi construído para ser sede própria do Clube Naval que de lá saiu em 1905, quando passou a abrigar o Conselho Naval (futuro Conselho do Almirantado).

Nessa mesma época, o Clube Naval mudou-se para outro local, o que levou a Marinha a comprar este imóvel em 1906, estabelecendo aqui, em 1907, a sede do Almirantado brasileiro, a Consultoria Jurídica, a Biblioteca e o Museu da Marinha, estes localizados no pavimento térreo. A partir de 1914, a Escola de Guerra Naval e as 1ª e 2ª Auditorias da Marinha também funcionaram neste conjunto.

A criação do Museu Histórico Nacional, em 1922, levou à extinção do Museu Naval, tendo seu acervo sido distribuído àquela instituição e à Escola Nacional de Belas Artes.

Em 1934, com a construção do novo edifício da Marinha no 1º Distrito Naval, todas as organizações militares existentes no prédio foram transferidas para aquele local. Cedido inicialmente ao Museu da Educação e Saúde Pública, este prédio abrigou ainda o Museu da Justiça, nos âmbitos Federal e Estadual. Por força da Lei nº 3.752/1960, foi entregue ao então Estado da Guanabara, recebendo os órgãos da Justiça Estadual.

Retornou à responsabilidade da Marinha brasileira em 2 de setembro de 1970 e, em 1972, após várias obras de restauração, foram inauguradas aqui as novas instalações do Serviço de Documentação Geral da Marinha, dentre elas o Museu Naval, reaberto ao público na época.

O crescimento das atividades culturais e dos respectivos acervos históricos determinou a transferência para sede da Ilha das Cobras, em 1984, dos Departamentos de Biblioteca da Marinha e Naval, do Arquivo Histórico Naval e do setor de Publicações e Divulgação do Serviço de Documentação da Marinha, ficando o Museu Naval no prédio da Rua Dom Manuel.

As obras de revitalização da Praça XV trouxeram sérios problemas estruturais ao prédio exigindo seu fechamento para reparos. Em 2006, completamente recuperado, reabriu à visitação pública apresentando exposições de longa duração sobre a História Naval brasileira.

A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL HOJE

A Organização Militar na qual o Museu Naval está inserido atualmente é a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), fruto da junção do Serviço de Documentação da Marinha com a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha.

O Museu Naval integra o complexo cultural da Marinha no Rio de Janeiro, o qual conta com a Biblioteca da Marinha, o Arquivo da Marinha, a Ilha Fiscal, o Espaço Cultural da Marinha, o Navio-Museu *Bauru*, o Submarino-Museu *Riachuelo*, o Rebocador *Laurindo Pitta*, o Helicóptero *Rei dos Mares* e o Modelo de *Nau dos Descobrimentos*. Todos estes espaços localizados próximos à Praça XV e à Praça Mauá, redutos históricos da cidade.

A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE NO MUSEU NAVAL

O novo circuito expositivo do Museu Naval é composto pela exposição "O Poder Naval na Formação do Brasil", que permite ao público conhecer a grande importância do mar e da Marinha do Brasil na história e formação do País. De todos os fatos representados, grande parte ocorre na Cidade no Rio de Janeiro ou dela influencia as demais regiões do País.

A maior parte das ameaças e agressões ao território nacional veio por mar. Separado dos países desenvolvidos, em especial da Europa, pelo Oceano Atlântico, construímos nossa existência, em parte, dependentes do mar. O território nacional teve ainda sua consolidação após lutas pela independência do Brasil, quando, por mar, a Marinha rapidamente ofereceu e facilitou as primeiras resistências a um possível retorno português. Assim, o País promoveu sua independência

de forma a unificar seu território e nossas cidades cresceram no rastro desse desenvolvimento.

Sala 1: Rumo à terra pressentida

Nesta sala são apresentadas as grandes navegações realizadas pelos portugueses, incluindo o descobrimento do Brasil, pela segunda armada que Portugal enviou à Índia. A aventura dessas grandes navegações, que se iniciou no séc. XV, deu novo rumo à História. Os oceanos, que antes eram obstáculos, passaram a ser vias de comunicação.

Tudo resultou da decisão portuguesa de prosperar através do comércio direto com o Oriente. Para isso, eles precisaram desenvolver tecnologias necessárias para navegar em alto-mar a longas distâncias.

O Brasil foi descoberto e colonizado por mar; e a defesa dos núcleos de colonização dependeu do Poder Naval de Portugal.

Sala 2: Intrusos e invasores

Diversos corsários, piratas e outros intrusos desafiaram os interesses ultramarinos de Portugal durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Os invasores vieram do mar e somente sua expulsão, com a participação de forças navais, garantiu a integridade do futuro território brasileiro.

Os principais invasores foram: os franceses no Rio de Janeiro e no Maranhão; os holandeses, ingleses e irlandeses no Pará; e holandeses na Bahia e em Pernambuco.

Sala 3: Expansão e Independência

Durante o séc. XVIII o futuro território brasileiro se expandiu para o Sul, em frequente disputa com os espanhóis.

Em 1808, chegou ao Brasil a Família Real portuguesa e o Rio de Janeiro se tornou a sede do Império colonial português.

Com o retorno de Dom João VI para Portugal, Dom Pedro proclamou a Independência, em 1822, e a recém-criada Marinha do Brasil, partindo do Rio de Janeiro, levou essa independência para províncias que ainda não haviam aderido a ela, como o Maranhão, o Pará e a Cispla-

tina (futuro Uruguai, que então era parte do território brasileiro). A ação eficaz da Marinha garantiu a integridade territorial do Brasil.

Sala 4: O Poder Naval como instrumento da política nacional

Após a independência, o Poder Naval brasileiro foi empregado como instrumento da política nacional do Império, projetando o poder militar para debelar as rebeliões que poderiam ter fracionado o Brasil; atuando na região do Rio da Prata (em guerras e intervenções em outros países), em respaldo à política externa do País; e coibindo o tráfico negroiro.

A exposição também destaca a atuação do futuro Marquês de Tamandaré, Patrono da Marinha, que se distinguiu, apesar de muito jovem, nesses conflitos.

Salas 5 e 6: A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai

A Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870) foi o mais longo e sangrento conflito da América do Sul. Tendo em vista que os rios da região, o Paraná e o Paraguai, eram as principais vias de comunicação, o papel da Marinha foi muito relevante.

A Batalha Naval do Riachuelo, no Rio Paraná, foi decisiva e a primeira grande vitória dos aliados nessa guerra. Ela garantiu o bloqueio que impediu o Paraguai de receber os armamentos do exterior.

A obtenção pelo Brasil de navios encouaçados foi fundamental para avançar e ultrapassar as fortificações instaladas nas margens do Rio Paraguai.

Após a Passagem de Humaitá pelos navios brasileiros e sua posterior ocupação, o progresso das tropas aliadas dependeu de complexas operações combinadas com a participação da Marinha e do Exército.

Foram cinco longos anos de guerra, que trouxeram sacrifício para todos, mas, também, em que os brasileiros mobilizados de todas as partes do País se conheceram melhor e aprenderam a trabalhar juntos.

Sala 7: O Emprego permanente do Poder Naval

Durante o século XX, ocorreram duas guerras mundiais, em que o País se viu agredido no mar por submarinos.

A Marinha brasileira participou da Primeira Guerra Mundial principalmente através da Divisão Naval em Operações de Guerra, cuja tarefa era o patrulhamento de um trecho da costa africana.

Na Segunda Guerra Mundial, coube à Marinha proteger os comboios de navios mercantes, que asseguraram o abastecimento das cidades brasileiras e transportaram matérias-primas vitais para o esforço de guerra aliado.

Nesta sala é ressaltado o emprego do Poder Naval em tempo de paz, por sua importância na defesa dos interesses do País. Ele envolve um conjunto de ações necessárias para que os conflitos de interesses com outros países não saiam da esfera da diplomacia. O Brasil também participou de muitas operações de paz, patrocinadas por organizações internacionais.

AS RELAÇÕES DO MUSEU COM SEU PÚBLICO POR MEIO DA AÇÃO EDUCATIVA

Contamos com um público fiel que são os apaixonados pela Marinha, sejam eles estudiosos de temas ligados à Marinha, militares da ativa ou da reserva que com orgulho mostram o fruto do seu trabalho, ou ainda civis que por motivos afetivos visitam o museu.

Para alcançarmos o público leigo e na busca de tornar novamente o museu como referência para a História Naval e mais um centro de lazer na cidade optamos nesses primeiros anos a ter como público-alvo as crianças e jovens em idade escolar, com a intenção de despertar neles o interesse pela vida no mar e atraí-los juntamente com seus professores e familiares para um retorno ao museu.

Para tal, as atividades educativas do Museu Naval visam a promover a integração do público com o museu tornando este uma referência para a História Naval Brasileira. Os projetos desenvolvidos aliam o conteúdo da exposição de longa duração com atividades

divertidas que contam com a participação ativa dos visitantes, propiciando um aprendizado extra-classe, com a compreensão de conteúdos artísticos, culturais e históricos, de forma interessante, alegre, divertida e que contribuem para o crescimento intelectual do público em geral.

Projetos atuais: PROJETO ESCOLA

Criado há mais de 10 anos, o Projeto Escola transporta grupos de crianças de escolas públicas para visitar o Complexo Cultural da Marinha, do qual faz parte o Museu Naval. As visitas são guiadas e as crianças recebem lanches patrocinados pelo Departamento Cultural do Abrigo do Marinheiro e a escola ganha uma foto da visita.

O projeto já abrangeu cerca de 56.722 pessoas.

PROJETO “UMA VIAGEM PELO MUNDO NA HISTÓRIA”

Projeto patrocinado pela TRANSPETRO, sendo composto por sete peças teatrais apresentadas de acordo com a faixa etária do grupo agendado, proporcionando às crianças e jovens uma visão abrangente sobre a participação da força naval na história do Brasil. O público estimado desde 2007 é de 10.128 pessoas.

As peças teatrais em cartaz são:

“1808 – A CORTE PORTUGUESA NO BRASIL”

Trata-se de uma opereta cabocla, interpretada por dois atores-cantores personificados de bonecos musicais. A apresentação é cantada em ritmos brasileiros, com algumas interpretações operísticas, e narra os episódios que motivaram a saída de Dom João de Portugal. Faixa etária recomendada: a partir dos 6 anos.

“VIDA A BORDO NO SÉCULO XVI”

Primeira montagem teatral infantil do Museu Naval para grupos escolares que visitam nosso espaço. De forma alegre e

descontraída, dois personagens do século XVI convidam os alunos para uma pequena viagem no tempo, a bordo de uma nau. Faixa etária recomendada: 6 aos 12 anos.

“O BRASIL E O MAR – A AMAZÔNIA AZUL”

Gincana teatral que fala da importância do Poder Naval para defender os interesses de nosso País. Um desses interesses é o reconhecimento pela ONU do direito brasileiro de utilizar como zona exclusiva o mar de 200 milhas até o limite da plataforma continental, a nossa Amazônia Azul. Faixa etária recomendada: 6 aos 12 anos.

“TAMANDARÉ – JOVEM HERÓI”

Peça teatral que relata as aventuras do Almirante Tamandaré, Patrono da Marinha do Brasil, que muito lutou no século XIX para garantir que pudéssemos viver, hoje em dia, num belo e grande País. Faixa etária recomendada: a partir dos 13 anos.

“AMÉLIA E ATALIBA – O BRASIL NA II GUERRA MUNDIAL”

O espetáculo, que se passa no ano de 1944, mostra a participação da Marinha do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial sob o enfoque da esposa de um oficial, o qual participara da escolta dos comboios. Faixa etária recomendada: a partir dos 15 anos.

“AS MISSÕES DE PAZ DA ONU – O BRASIL QUE EU VI”

Jornalista correspondente de guerra explana as razões que o levaram a exercer essa função como justificativa para pedir ao público a análise de seu trabalho sobre o MINUSTAH – Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti, antes que o mesmo seja enviado ao redator. Faixa etária recomendada: a partir dos 15 anos.

“O FRANCÊS VOADOR”

Uma jovem pesquisadora em busca do lendário tesouro dos jesuítas encontra o

fantasma do corsário *Duguay-Trouin*, que em 1711 invadiu a Cidade do Rio de Janeiro em busca de riquezas. Entre muita música e divertidos equívocos, cada um deles conta sua versão de como se deu a invasão do corsário e sua tropa em terras cariocas. Faixa etária recomendada: a partir de 7 a 15 anos.

PROJETO “MARINHA EM ORIGAMI”

O Projeto tem como objetivo promover o desenvolvimento de habilidades motoras e criativas dos grupos de crianças visitantes, através das atividades de dobraduras em papel com temas ligados ao mar. Realizado uma vez por semana, desde abril de 2008, já abrangeu cerca de 4.400 crianças.

PROJETO “UMA TARDE NO MUSEU”

Projeto patrocinado pela Granado, destina-se a trazer, semanalmente, uma escola para uma visita interativa no circuito expositivo do Museu Naval. Em seu primeiro ano,

o projeto atendeu a 39 escolas, totalizando 958 alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, as instituições museológicas brasileiras tornaram-se espaços de formação, lazer e dinâmica de educação, que criam áreas de difusão histórico-culturais com a finalidade de despertar a consciência do público para a preservação do patrimônio pertencente à nação.

Desta forma, desenvolvendo diferentes temáticas acerca da história naval e destinadas a diversas parcelas da sociedade, as atividades educativas desenvolvidas no Museu Naval têm sido de suma importância para a integração do Museu no cenário nacional e, em especial, na Cidade do Rio de Janeiro. Elas propiciam um aprendizado extra-classe para os estudantes e deleite para os demais visitantes com a compreensão de conteúdos artísticos, culturais e históricos, de forma interessante, alegre, divertida e que contribuem para o crescimento intelectual do público em geral.